

## **Sobre os 25 anos do PPGE<sup>1</sup>**

**About 25 years of PPGE**

**Lucíola Licínio Paixão Santos<sup>2</sup>**

Sinto-me honrada de estar aqui como ex-aluna da Universidade Federal de São Carlos. À história e detalhes da trajetória do Programa de Pós, a sua emergência tão bem descrita pelo professor Dermeval<sup>3</sup>, nada posso acrescentar. No entanto, como ex-aluna avalio o quanto o Programa de Pós-Graduação em Educação em São Carlos marcou minha vida pessoal e acadêmica.

Eu trabalhava em uma universidade muito fechada, muito sintonizada com o governo militar e integrava, nos anos 1960, o movimento estudantil. Então, quando eu entrei em São Carlos, foi para mim um retorno àquela década de 60, a possibilidade de discutir e de encontrar companheiros com as mesmas ideias, com as mesmas aspirações, com os mesmos interesses.

Minha experiência na graduação em Pedagogia e Jornalismo e no ensino básico como supervisora e professora não me propiciou o aprofundamento da reflexão sobre a questão educacional experimentado aqui neste Programa. Apesar de, como militante de esquerda, debater frequentemente as questões econômicas, políticas e sociais do país, foi aqui que discuti pela primeira vez de uma forma nova a questão educacional, realizei leituras e participei de debates, os quais me marcaram profundamente tanto do ponto de vista intelectual quanto do profissional. O clima efervescente, de debate, que encontrei aqui na Universidade Federal não encontrei em mais nenhuma universidade brasileira.

Cheguei em 1978. A UFSCar era uma universidade que participava ativamente dos movimentos sociais - sua comunidade acadêmica estava envolvida, por exemplo, com a fundação do PT. No interior da Universidade a discussão sobre a redemocratização era muito forte, a organização da comunidade universitária, do movimento docente, do movimento dos funcionários.... Acho que a UFSCar foi das primeiras universidades do Brasil a ter a organização de funcionários bem articulada.

Comentava-se à época que a UFSCar seria como um balão de ensaio para o que se podia fazer em outras universidades. Já havia eleições igualitárias, debates intensos na comunidade envolvendo alunos, funcionários, professores.... Foi uma época de muita efervescência política, em que se lutava pela anistia, e a universidade também estava concretamente envolvida nesse debate, nessa luta.

Para mim, que vinha de Minas Gerais, da Universidade Federal de Viçosa, muito fechada, uma das coisas que me surpreendeu foi ver os professores passando listas, abaixo-assinados, recolhendo fundos para o movimento de anistia política. Estudei na UFMG nos anos 60, mas na UFSCar era diferente. Na UFMG, nos anos 60, apenas

---

<sup>1</sup> Mesa-redonda sobre os 25 anos do PPGE/UFSCar (Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos) ocorrida no dia 20 de março de 2001.

<sup>2</sup> Aluna da 3ª turma do PPGE/UFSCar. E-mail: luciola@ufmg.br

<sup>3</sup> Dermeval Saviani, primeiro Coordenador do PPGE/UFSCar de 1975 a 1978.

o movimento estudantil era forte. Na UFSCar havia um movimento mais coletivo, com participação de professores e alunos na luta pela redemocratização do país e da universidade.

Eu cheguei em 78, logo depois do professor Dermeval ter se afastado e a Carlos Chagas ter se retirado do Programa. Chegamos em um Programa em transição, porque seus idealizadores, aqueles que o haviam montado e trabalhado para sua concretização, não estavam mais presentes. Predominavam pessoas das Ciências Sociais, filósofos, economistas, sociólogos e muito poucos educadores, pessoas com formação no campo da Educação. A proposta do professor Dermeval da Educação ser o ponto de partida e o ponto de chegada para a discussão dos problemas talvez tenha se invertido um pouco porque na verdade, no Programa, os educadores estavam em menor número e hierarquicamente em desvantagem, por não serem doutores. E o grupo mais forte era o grupo dos doutores que estavam no campo das diferentes áreas das Ciências Humanas.

Em relação aos alunos, eu os considero bem diferenciados dos alunos que a gente, hoje, vê na pós-graduação. Entre nós, a média de idade ia de 30 a 35 anos, éramos na grande maioria professores universitários, vindos de diversas regiões do país. Tive colegas da Paraíba, do Mato Grosso, de Minas, do Espírito Santo. Havia sete bolsistas da CAPES com horário integral, o que já era uma condição diferenciada em relação a outros programas. Havia também outros alunos, das localidades aqui vizinhas e das estaduais paulistas, de Marília, Araraquara, poucos alunos eram de São Carlos nesses primeiros anos. O alunado tinha profundo envolvimento com o Programa e a vida na Universidade, participávamos da eleição para reitor, da discussão sobre a eleição de diretores de Centro. Participávamos, talvez, mais do que o fazemos hoje.

A Malu<sup>4</sup> teve um papel muito importante para o PPGE, naquele momento de transição. Foi depositária da memória do Programa, orientou o alunado nas matrículas, no que podia fazer, o que vinha antes, o que vinha depois. Havia na Universidade heterogeneidade em termos teóricos e políticos, mas tínhamos em comum uma grande aversão ao regime militar, uma crítica ferrenha ao modelo econômico e social de desenvolvimento do país, assim como uma crítica muito forte ao sistema capitalista.

Compartilhávamos de uma visão crítica da Educação, de como a Educação funcionava de modo a favorecer os já favorecidos e desfavorecer os não favorecidos, e, de certa forma, compartilhávamos a utopia de que, aliada a outros movimentos sociais, a Educação seria capaz de, é claro que com a liderança dos outros movimentos sociais, seríamos capazes de mudar radicalmente as estruturas sociais.

E hoje? O que São Carlos representa na minha vida profissional e na minha vida acadêmica? Acho que hoje vivemos, ao contrário daqueles tempos, uma época de incertezas, uma era em que percebemos que as questões sociais, econômicas, políticas, enfim, a realidade humana, a realidade social, é muito mais complexa e muito mais difícil de ser transformada do que pensávamos naquele momento. Acho que temos hoje uma certa compreensão mais clara da complexidade real do que tínhamos, talvez, naquela época. Hoje, não é o pensamento de esquerda que domina o cenário acadêmico, são os interesses acadêmicos que dominam os intelectuais. Os docentes se preocupam muito com essa questão da produção e algumas vezes com a de melhorar

---

<sup>4</sup> Maria de Lourdes Bontempi Pizzi, primeira Secretária do PPGE/UFSCar, 1976 a 1985.

a qualidade. O que o governo, as pressões institucionais medem é a quantidade. O que se quer é que se produza muito.

Mas acho que a maior parte dos egressos do mestrado naquele tempo, que não tínhamos o doutorado, acho que são pessoas, hoje, que trabalham, efetuam pequenas ações, que se não transformam radicalmente a realidade, penso que poderão tornar o amanhã melhor do que o hoje, porque sei que existe um compromisso, uma preocupação com ideais de justiça, de emancipação, de liberdade, de combate a todo tipo de discriminação social.

Como já disse, acho que o Programa imprimiu uma marca muito grande em toda uma geração que dele participou.